

MEMÓRIA, ANCESTRALIDADE E ESCRITA DE SI EM ÁGUA DE BARRELA DE ELIANA ALVES CRUZ

Aline Da Silva Sousa¹;
Ana Raquel De Sousa Lima Co-Autor²;
Profa. Dra. Margareth Torres De Alencar Costa³.

RESUMO

Revisitar a história da escravidão através da obra *Água de Barrela* (2018), de Eliana Alves Cruz, é um ato de resgate, memória e aprendizado. Para Halbwachs, “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (2013, p.30). Por meio dessas histórias, constrói-se uma consciência coletiva que impede o esquecimento das lições do passado. A escolha da autora latino-americana Eliana Alves Cruz se deve ao fato de suas narrativas inserirem-se no gênero autobiográfico e na narrativa de filiação, ao retratar realidades sociais marcadas pela exclusão de pessoas diferentes e expurgadas da sociedade. O objetivo deste projeto foi analisar memória, ancestralidade e escrita de si em *Água de Barrela*, investigando marcas que a caracterizam como autobiográfica e, em seu contexto, narrativa de filiação. Buscou-se também examinar como a memória ancestral se manifesta na obra. A metodologia utilizada foi de natureza básica, com abordagem qualitativa e análise descritiva. Como resultado, a análise revelou a profundidade da memória ancestral e da escrita autobiográfica na construção da narrativa, evidenciando as conexões entre passado e presente por meio da valorização da ancestralidade. Dessa forma, *Água de Barrela* se afirma como uma obra relevante para a compreensão da memória e da identidade afrodescendente na literatura contemporânea, dando voz a personagens historicamente silenciados e contribuindo para a valorização da escrita de si.

Palavras-chave: Projeto pibic-cnpq, *Água de Barrela*, Escrita de si, Autobiografia, Memória.

INTRODUÇÃO

A obra *Água de Barrela* (2018), de Eliana Alves Cruz, insere-se no contexto da literatura afro-brasileira contemporânea, articulando memória, ancestralidade e escrita de si como ferramentas de resistência simbólica e de reconstrução identitária. O romance reconstrói a trajetória de gerações da família da autora, unindo documentos históricos, arquivos e memória oral, em diálogo com a experiência coletiva de seus familiares no Brasil. A narrativa inscreve-se nas narrativas de filiação, categoria que, segundo Costa (2021), combina autobiografia e ficção para reconstituir histórias familiares e coletivas. Fundamenta-se em autores como Halbwachs (2013), Lejeune (2008), Miraux (2005), Candau (2008) e Nora (1993), que abordam memória coletiva, pacto autobiográfico e escrita de si, dentre outros autores que foram necessários. O estudo busca compreender como Cruz utiliza a literatura como instrumento de reparação simbólica, dando voz a um povo silenciado pela historiografia oficial e reafirmando o pertencimento cultural afrodescendente.

A literatura contemporânea tem se revelado um espaço fértil para reflexões sobre memória, ancestralidade e escrita de si, especialmente no que tange à reconstrução de trajetórias silenciadas pela história oficial. Nesse contexto, a obra *Água de Barrela* (2018), de Eliana Alves Cruz, destaca-se como um marco na literatura afro-brasileira ao articular elementos autobiográficos, históricos e familiares, funcionando como instrumento de resistência simbólica e de afirmação identitária.

A escolha da obra justifica-se pela sua relevância no resgate de memórias historicamente silenciadas e na valorização da ancestralidade afrodescendente na produção literária nacional. Em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural, pelas marcas do colonialismo e pela exclusão de vozes negras dos registros oficiais da história, a narrativa de Cruz emerge como um contradiscurso, desafiando os paradigmas tradicionais da historiografia e da literatura. A pesquisa se insere no campo dos estudos literários, com ênfase nas escritas de si, memória, e na ancestralidade, que se insere na narrativa de filiação. Nesse tipo de narrativa, como observa Costa (2021), há uma hibridização entre memória e ficção, onde a autora reconstrói a história de seu grupo familiar a partir de documentos, lembranças orais e objetos herdados. Trata-se, portanto, de uma escrita que ultrapassa o eu, incorporando uma dimensão coletiva, conforme destacado por Halbwachs (2013), para quem a memória é sempre construída em interação com o grupo social.

Nesse sentido, *Água de Barrela* (2018) representa um gesto político e poético de reconstrução subjetiva e coletiva. Cruz transforma a experiência pessoal em testemunho histórico, promovendo a revalorização do legado negro na formação da sociedade brasileira. A autora reconstrói a trajetória de sua família desde a África Ocidental até o Brasil, utilizando fontes como a memória oral e documentos familiares, o que também se alinha ao conceito de “lugar de memória”, proposto por Pierre Nora (1993). A obra analisada permite refletir sobre a articulação entre memória e identidade, sobre como a literatura pode funcionar como meio de reconstrução de histórias e subjetividades silenciadas.

Ao colocar a palavra a serviço da justiça histórica, Cruz afirma a importância da literatura como espaço de resistência e de produção de conhecimento. Justifica-se, portanto, esta pesquisa por sua contribuição à valorização de autoras negras, à discussão sobre ancestralidade e identidade, e ao fortalecimento de uma crítica literária comprometida com a pluralidade epistêmica e o combate ao racismo. Ao analisar as

marcas de memória, ancestralidade e escrita de si na obra de Eliana Alves Cruz (2018), também contribui para o reconhecimento das heranças africanas na construção da identidade nacional e para uma consolidação antirracista, consciente e engajada com os desafios sociais contemporâneos.

DESENVOLVIMENTO

Esta pesquisa insere-se na perspectiva qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, com enfoque na análise literária da obra *Água de Barrela* (2018), de Eliana Alves Cruz. A abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender os significados simbólicos presentes na narrativa, investigando como memória, ancestralidade e escrita de si se articulam na construção identitária e na resistência histórica afrodescendente.

O corpus principal da pesquisa é constituído pelo romance *Água de Barrela*, que será analisado com base em categorias teóricas como memória coletiva (Halbwachs, 2013), narrativa de filiação (Costa, 2021), escrita de si (Lejeune, 2008; Miraux, 2005), ancestralidade (Oliveira, 2023) e identidade narrativa (Candau, 2008). A escolha desses autores deve-se à sua relevância na discussão sobre autobiografia, subjetividade e literatura afro-brasileira. Como procedimentos metodológicos, foram utilizados: Leitura analítica e interpretativa do texto literário: buscou-se identificar passagens e elementos que evidenciem a presença das temáticas centrais: memória, ancestralidade, escrita de si e identidade afrodescendente; Revisão bibliográfica para elaboração do marco teórico: composta por obras teóricas que sustentam os conceitos-chave do estudo, como

Halbwachs (1990; 2013), Lejeune (2008), Miraux (2005), Nora (1993), Candau (2002; 2008), Foucault (2008), entre outros, além de dissertações, artigos acadêmicos e publicações que abordam a obra de Eliana Alves Cruz, como Fagundes (2023), Amorim (2019) e Oliveira (2023); Articulação entre teoria e

análise do corpus: foi realizada uma leitura crítica da obra literária à luz dos referenciais teóricos selecionados, buscando compreender de que maneira a autora reconstrói a trajetória de sua família como um ato de resistência simbólica, subjetiva e histórica.

O estudo foi organizado em torno de eixos temáticos que correspondem aos objetivos específicos da pesquisa. Entre eles: escrita de si e narrativa de filiação;

ancestralidade como elemento estruturante da identidade; memória individual e coletiva; e literatura como ferramenta de reparação simbólica e justiça

social. Adotou-se uma técnica de análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2016), adaptada ao campo literário, para a categorização e interpretação das informações extraídas da obra. A análise busca estabelecer relações entre os discursos presentes na narrativa e os contextos socioculturais e históricos

que perpassam a literatura afro-brasileira.

O levantamento de fontes secundárias foi realizado por meio de bases acadêmicas digitais como periódicos institucionais, priorizando estudos recentes e relevantes que dialoguem com a proposta teórica da pesquisa. Também foram incluídos documentos e reportagens para auxiliar na contextualização da problemática abordada, como a reportagem da UFSM (2023), que trata da reconstrução de memórias afrodescendentes via plataformas como o FamilySearch.

Por fim, a metodologia adotada valoriza a escuta sensível da memória literária como estratégia de valorização das subjetividades negras, privilegiando uma leitura que compreende a literatura como espaço de construção de pertencimento, resistência e identidade. A análise da obra *Água de Barrela* (2018), de Eliana Alves Cruz, evidencia que memória, ancestralidade e escrita de si são categorias fundamentais na constituição da narrativa, revelando uma escrita que ultrapassa os limites da autobiografia tradicional para alcançar um plano coletivo de

reconstrução histórica. A autora realiza, por meio da literatura, um gesto político e afetivo de reconstituição do passado de sua família negra, silenciada pela historiografia oficial e pelo apagamento das vozes dessas pessoas.

Ao narrar as trajetórias de seus antepassados, Cruz mobiliza elementos da memória coletiva e da oralidade como formas legítimas de conhecimento. A memória, nesse contexto, não é entendida apenas como um arquivo individual de lembranças, mas como uma construção social partilhada, tal como propõe Halbwachs(2013). A autora costura sua narrativa a partir de fragmentos de histórias transmitidas oralmente, documentos familiares, práticas e costumes herdados e lacunas históricas. Assim, a obra assume a função de preservar e valorizar as experiências de vida que foram historicamente marginalizadas, transformando a escrita literária em um espaço de escuta, reconhecimento e valorizaçãoda ancestralidade negra.

A ancestralidade, por sua vez, atravessa toda a narrativa como um eixo estruturante. Ao relatar a jornada de sua família desde o continente africano até o Brasil, a autora reinsere a presença negra no centro da formação nacional e rompe com a lógica da exclusão. Tal como define Jurema Oliveira (2023), a ancestralidade não é apenas uma herança estática, mas uma força viva que estrutura os modos de ser, pensar e existir de uma coletividade. Em Água de Barrela (2018), essa presença manifesta-se por meio das tradições culturais, da religiosidade, das línguas africanas, das músicas e das práticas cotidianas que sobreviveram ao processo de escravização como formas de resistência e afirmação identitária.

A escrita de Eliana Alves Cruz se configura como uma narrativa de filiação, em que a autora recompõe a memória de seu grupo familiar a partir das ausências e silêncios deixados pelo discurso hegemônico. Ao fazer isso, ela reafirma a dignidade de seus antepassados e projeta uma identidade afrodescendente construída sobre os pilares da memória, do afeto e da justiça histórica. Essa escrita, embora literária, está comprometida com a verdade emocional e genealógica, revelando, como observa Miraux (2005), uma subjetividade que se forma na relação com os outros, especialmente com aqueles que vieram antes.

A obra também se insere em um contexto de resistência simbólica frente às violências do colonialismo e do racismo estrutural. Ao narrar a história de sua família negra, Cruz reverte o apagamento histórico e transforma a literatura em ferramenta de denúncia, de reparação e de reconhecimento. A escrita torna-se, nesse sentido, um espaço de pertencimento e reposicionamento do sujeito negro na

história e na cultura brasileira. Como destaca Amorim (2019), há na obra uma urgência em contar as histórias que foram negadas, numa tentativa de recompor a trajetória de sujeitos negros que foram sistematicamente apagados dos registros oficiais. A identidade construída ao longo da narrativa é plural, dinâmica e profundamente enraizada na coletividade. Em vez de apresentar figuras heroicas ou idealizadas, a autora retrata seus ancestrais como sujeitos marcados por dores, resistências e afetos, conferindo-lhes complexidade e humanidade. Essa abordagem se afasta da ideia de identidade como essência e aproxima-se da noção de identidade como narrativa, conforme defende Candau (2008). A autora não apenas reconstrói sua história pessoal, mas também projeta uma identidade afro-brasileira coletiva, que reivindica a memória como direito e a palavra como poder.

Portanto, os resultados da análise indicam que *Água de Barrela* (2018), é uma obra que articula, de forma sensível e crítica, o resgate da memória familiar com a reconstrução de uma identidade negra coletiva, contando sobre sua vida e a de seu povo por meio da memória e da ancestralidade. Além disso, ao transformar as lacunas da história em matéria narrativa, Eliana Alves Cruz contribui para o

fortalecimento de uma literatura engajada, que valoriza as vozes afrodescendentes, promove a justiça simbólica e amplia os horizontes da memória nacional. Trata-se de uma produção literária que inscreve, com força poética e política, as subjetividades negras no centro do debate sobre identidade, história e resistência no Brasil contemporâneo.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida no âmbito deste projeto PIBIC-CNPq, sob orientação da professora, Dra. Margareth Torres, teve como objetivo analisar a presença entre memória, ancestralidade e escrita de si na obra *Água de Barrela* (2018), de Eliana Alves Cruz. A partir da leitura crítica do romance e do diálogo com o referencial teórico, foi possível constatar que a autora constrói uma narrativa de filiação em que a experiência pessoal se entrelaça à memória coletiva e à história do povo afrodescendente no Brasil.

Os resultados apontam que a memória, concebida como construção social e intergeracional, funciona como base para a reconstituição do passado familiar e para a valorização de trajetórias silenciadas. A ancestralidade emerge como elemento estruturante, conectando o presente às raízes africanas e reforçando laços identitários. Já a escrita de si se revela como gesto político e literário, permitindo que a história pessoal da autora se torne um testemunho coletivo e um instrumento de resistência simbólica frente ao apagamento histórico.

Conclui-se que a obra analisada contribui para o fortalecimento da literatura afro-brasileira contemporânea, para o reconhecimento das heranças culturais africanas na formação da identidade e para o debate acadêmico sobre memória, identidade e justiça social, dentro do contexto da escrita de si. O trabalho cumpriu seus objetivos, ampliando a compreensão sobre a relevância da narrativa de Eliana Alves Cruz e reafirmando o papel da literatura como espaço de preservação e valorização da memória afrodescendente.

ABSTRACT

Revisitar la historia de la esclavitud a través de la obra *Água de Barrela* (2018), de Eliana Alves Cruz, es un acto de rescate, memoria y aprendizaje. Para Halbwachs, “los recuerdos permanecen colectivos y nos son recordados por otros, aunque se trate de eventos en los que solo nosotros estuvimos involucrados y objetos que solo nosotros vimos” (2013, p.30). A través de estas historias se construye una conciencia colectiva que impide el olvido de las lecciones del pasado. La elección de la autora latinoamericana Eliana Alves Cruz se debe al hecho de que sus narrativas se inscriben en el género autobiográfico y en la narrativa de filiación, al retratar realidades sociales marcadas por la exclusión de personas diferentes y expulsadas de la sociedad. El objetivo de este proyecto fue analizar la memoria, la ancestralidad y la escritura de sí en *Água de Barrela*, investigando los rasgos que la caracterizan como autobiográfica y, en su contexto, como narrativa de filiación. También se buscó examinar cómo se manifiesta la memoria ancestral en la obra. La metodología utilizada fue de naturaleza básica, con un enfoque cualitativo y análisis descriptivo. Como resultado, el análisis reveló la profundidad de la memoria ancestral y de la escritura autobiográfica en la construcción de la narrativa, evidenciando las conexiones entre pasado y presente mediante la valorización de la ancestralidad. De este modo, *Água de Barrela* se afirma como una obra relevante para la comprensión de la memoria y de la identidad afrodescendiente en la literatura contemporánea, dando voz a personajes históricamente silenciados y contribuyendo a la valorización de la escritura de sí.

Keywords: Proyecto pibic-cnpq , Água de Barrela, Escrita de si, Autobiografia, Memoria.



REFERÊNCIAS

- AMORIM, Maria Inês Freitas de. **Ancestralidade e historicidade em Água de Barrela, de Eliana Alves Cruz**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/460694471/Artigo-sobre-Agua-de-Barrela>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- BERND, Zilá. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. v. 1. Belo Horizonte: UFMG, 2018.
- BRITO, Ênio José da Costa; PIMENTEL, Claudio Santana; SANTANA, Ursulina Maria Silvia. **Os estudos afrodiaspóricos no Brasil: levantamento de teses (2000–2017)**. Rever – Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 301–324, jan./abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2018vol18i1a14>. Acesso em: 09 maio 2025.
- CANDAU, Joel. **Antropologia da memória**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Trad. Eduardo Rinesi. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 2008.
- COSTA, Fabiana Gonçalves da. **Memória, exílio e escrita de si em A resistência**, de Julian Fuks (2015), e **Azul corvo**, de Adriana Lisboa (2014). O Eixo e a Roda, v. 30, n. 3, p. 243–260, 2021.
- CRUZ, Eliana Alves. **Água de barrela**. 7. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2018. 322 p.
- FAEDRICH, Rafael. **A escrita de si como gesto de resistência: Dois irmãos e O filho de mil homens**. 2016. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- FAGUNDES, Laís Ribeiro Durães. **É que a história é uma costura”: memória e ancestralidade em Água de barrela, de Eliana Alves Cruz**. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2023.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** In: MACHADO, Roberto (Org.). Michel Foucault: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 255–271.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013. Obra original de 1950.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Lévi-Strauss. São Paulo: Centauro, 2006. Obra original de 1990.

- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inés Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Trad. Domingos Barroso Filho. Belo Horizonte: UFMG, 2008. [Obra original de 1975].
- LIMA, Mariana Ferreira. **A ancestralidade como resistência: memória e subjetividade em Água de barreira**. Em Tese, v. 20, n. 1, p. 1–18, 2024. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/21867>. Acesso em: 07 jun. 2025.
- MEDEIROS, Vanise. **Literatura afro-brasileira e formação social**. Afro-Ásia, Salvador, n. 65, p. 231–258, jul./dez. 2022.
- MIRAUX, Jean-Philippe. **La autobiografía: las escrituras del yo**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2005.
- MIRAUX, Jean-Philippe. **A autobiografia**. Trad. André Telles. São Paulo: Contexto, 2005.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.
- OLIVEIRA, Jurema José de. **Ancestralidade e afro-brasilidade**. Revista Mosaico, Vitória, v. 16, p. 108–124, 2023. Disponível em: <http://revistas.unilab.edu.br/index.php/mosaico/article/view/9213>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- OLIVEIRA, Sabrina Alves de. **Poéticas de repovoamento: sobre o lugar da ancestralidade em Eliana Alves Cruz**. 2023. Artigo inédito.
- RAGUSA, Patrícia; OLIVA, Anderson do Sacramento. **Subjetividade, individuação e escrita de si: aproximações teóricas entre Michel Foucault e Carl Gustav Jung**. Revista de Teoria da História, 17 Goiânia, v. 23, n. 2, p. 112–126, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5216/rth.v23i2.64279>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/64279>. Acesso em: 09 maio 2025.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. O despertar da ancestralidade negra: da memória narrada ao FamilySearch. Arco – Jornalismo Científico e Cultural da UFSM, Santa Maria, 22 fev. 2023. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/o-despertar-da-ancestralidade-negra-da-memoria-narrada-ao-familysearch>. Acesso em: 09 maio 2025.
- VIART, Dominique. **La littérature française au présent: héritage, modernité, mutations**. Paris: Bordas, 2009.